

José Roberto Santos Neves

Olhar italiano sobre Noel

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Em 2002, quando chegou ao Brasil, mais precisamente a Vitória, o pianista Turi Collura passou a acompanhar as rodas de samba da cidade como ouvinte e ficou fascinado com o que viu e ouviu. Nesses encontros regados a cavaco, pandeiro e tamborim – mais o chope gelado, por favor – o músico italiano conheceu a rica trajetória do gênero, desde os compositores da Época de Ouro até a geração que floresceu na virada dos anos 60 para os 70, como Paulinho da Viola e Martinho da Vila. Um desses autores célebres chamou especialmente a sua atenção: um certo Noel Rosa (1910-1937), dono de raro refinamento melódico e harmônico, além da habilidade para construir a crônica social do Brasil de sua época com audácia e ironia fina.

Quase uma década depois, o resultado desse olhar estrangeiro sobre a obra do filho mais ilustre de Vila Isabel se traduz no saboroso disco “Conversa na Vila”, no qual o pianista atualiza 10 canções de Noel Rosa sem perder de vista a identidade de sambas que fascinam gerações há mais de 70 anos.

Esse difícil equilíbrio entre modernidade e tradição é o principal trunfo de “Conversa na Vila”. Atento às nuances de Noel, Turi Collura se deu ao luxo de renovar os arranjos e levadas rítmicas, mas manteve intactas as melodias e a divisão vocal. Assim, produziu um álbum sofisticado, homogêneo, cujas faixas seduzem o ouvinte a cada audição e o convidam a descobrir cada vez mais os seus detalhes – que não são poucos.

Para percorrer essa viagem ao samba da década de 1930, Turi foi direto à fonte e optou por gravar o disco no Rio de Janeiro, cercado de gente talentosa como o produtor Paulo Malaguti Pauleira e os músicos Domingos Teixeira (violão e violão de sete cordas), Márcio Hulk (cavaco), Zé Luiz Maia (baixo), Joana Queiroz (clarinete), Andrea Ernest Dias (flauta), Edu Szajnbrum (percussão). Nos vocais, brilha o timbre suave de Neusinha Escorel, digno da Belle Époque, como destaca Rogério Coimbra no texto distribuído à imprensa. Há, ainda, as participações de Marcello Escorel, João Schmid e do grupo vocal Arranco de Varsóvia.

A ousadia do disco se estende à seleção de repertório, que não se limita aos standards. Como tudo o que Noel compôs é maravilhoso, escolher as músicas deve ter sido um parto. Mas Turi acerta ao incluir os clássicos – “Cidade mulher”, “Filosofia” (com André Filho) e “Fita amarela” – e também canções menos badaladas como “Quem ri melhor”, “Mentir” e “Cem mil réis” (com Vadico). Todas foram cuidadosamente rearranjadas. “Cidade mulher”, lançada por Orlando Silva em 1936, ganhou acento de rhythm and blues nas estrofes, voltando ao ritmo de marchinha no refrão; “Seja breve” virou samba-rap com banho de irreverência do Arranco de Varsóvia; e “Fita amarela”, sucesso no carnaval de 1933 na voz de Francisco Alves e Mário Reis, alterna a base funkeada com a célula original do samba numa fusão harmoniosa capaz de agradar ao mais radical dos puristas.

Em se tratando de uma biografia tão rica como a de Noel, poder-se-ia gastar laudas e mais laudas contando histórias de cada personagem e situação que inspiraram suas criações. O

José Roberto Santos Neves

samba “Até amanhã”, por exemplo, foi escrito em 1932 para uma mulher por quem o compositor se apaixonou durante uma excursão ao Rio Grande do Sul com Francisco Alves, Mário Reis, Nonô e Peri Cunha. O refrão é um retrato genial de como Noel cantava seus casos amorosos com humor sardônico:

Até amanhã/se Deus quiser/se não chover eu volto pra te ver, oh, mulher!/de ti gosto mais que outra qualquer/não vou por gosto o destino é quem quer”

“Conversa na Vila” termina com Turi Collura solitário, ao piano, perpassando a linda melodia de “Último desejo”, derradeira canção que Noel fez para a dançarina Ceci, sua grande paixão e musa inspiradora. E assim, sem vocais ou acompanhamento, no estúdio silencioso e escuro, o pianista pôde ter a certeza de que seu homenageado de fato não pertence à categoria dos simples mortais. Noel era gênio.